

Gostaria de fazer recolha de novas coisas

-Amélia Carlos, coreógrafa recém-formada em Moscovo

Por Albano Naroromele (texto), José Machado e arquivo(fotos)

Acabada de regressar de Moscovo, onde se formou em coreografia pelo Instituto Superior da Arte, Amélia Carlos tem um desejo a realizar: «fazer a recolha de novas coisas» de Canto e Dança. A origem desse desejo, a carreira e ela mesma são temas de uma entrevista que a «Mestre de Ballet» — conforme reza o seu diploma — concedeu ao «Domingo».

Após seis anos de formação na URSS, Amélia Carlos apanhó surpresas no seu País, no domínio cultural. A primeira relaciona-se com o seu sector de trabalho, a Companhia Nacional de Canto e Dança que, segundo disse ao «Domingo», continua praticamente com as mesmas danças que já existiam em 1975.

— Só vi duas danças que eu não conhecia em seis anos — evidenciou, acrescentando que esta é a razão por que «gostaria de fazer a recolha de novas coisas», embora recie não poder conseguir um êxito total na iniciativa, agora que as deslocções para a pesquisa em diversas províncias poderão ser dificultadas pela situação da guerra.

Mas ela confessa que «a Companhia conseguiu fazer alguma coisa: bom ambiente de trabalho, nível artístico muito superior», o que, naturalmente, pensamos nós, acentua a surpresa da recém-chegada, que já ouviu dizer que «há muitos problemas» no bailado nacional.

Amélia Carlos não acredita, porém, que a dedicação notória na Companhia Nacional de Canto e Dança seja um facto exclusivo. Segundo ela, se houvesse apoio das estruturas competentes «haveríamos de ter muitos grupos artísticos com nível igual ou superior» ao da trupe nacional.

— Parece-me que os outros grupos são esquecidos. Quando há uma coisa a fazer, corre-se logo para a Companhia. No ano passado, a Companhia foi às províncias, mas, se fosse possível, deviam ser movidos também os grupinhos que existem pelo País fora — considera a coreógrafa.

A outra surpresa reside nos bastidores da arte e da cultura moçambicana em geral. Amélia Carlos considera, por exemplo, que o Teatro, as Artes Plásticas e a Música Ligeira deram passos bastante positivos, pese embora o facto de no domínio musical, haver pouca exploração e utilização do vasto manancial que esta área ainda esconde. A música coral, para citar só um exemplo, não registou, para ela, qualquer impulso.

Sente-se particularmente enclaudada por constatar que, ao contrário do que acontecia no

passado, agora a juventude intervém em peso em todos os domínios da cultura: — Já não se fala somente de Malangatana, de Alexandre Langa e outros velhos consagrados. Fala-se também de grandes talentos novos.

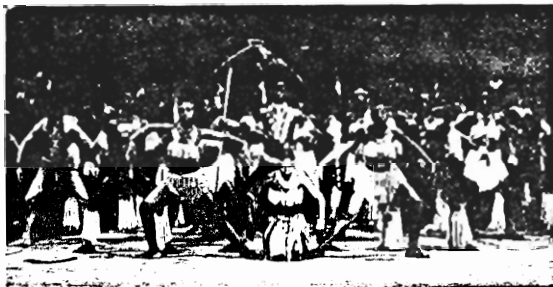
UM CURSO E AS NOVIDADES

Amélia Carlos deixou Moçambique em 1981, para se formar no Instituto Superior da Arte «Guitisse» em Moscovo. Permaneceu lá seis anos e, depois de ter defendido a sua tese através de um «ballet» intitulado «Aves Selvagens» — que é o título de um conto popular norueguês, «que se enquadra na nossa realidade», segundo ela — regressou em Janeiro deste ano diplomada «Mestre de Ballet».

A graduação, que é de coreógrafa com nível de formação universitária, confere-lhe bagagem para a direcção artística.

Amélia Carlos chama-nos a atenção para um facto: não tem dificuldades em falar Português, mas tem-nas para transmitir os seus conhecimentos nesta língua. Isso não lhe impediu, contudo, de nos dizer as novidades que traz.

Para já, e aguardando ao mesmo tempo a clarificação da decisão sobre a sua colocação e tarefas, começou a dar aulas de



dança ao bailado nacional. Até Junho, vai tentar montar um «ballet», cujo tema, retirado da sua tese, versa sobre o inevitável triunfo da bondade contra a maldade.

Ela está, no entanto, um tanto ou quanto duvidosa: — Não sei se vou a tempo de poder reunir o material para a obra — disse,

sobretudo no que toca ao contacto com compositores moçambicanos para a elaboração da música do referido «ballet».

É que Amélia Carlos queria evitar a utilização de composições inadequadas à realidade desta terra, para não repetir o que já aconteceu de certa maneira em Moscovo, quando teve de montar o «ballet» da sua tese com música moçambicana mas trabalhada por compositores soviéticos.



AMÉLIA CARLOS:

— Na plástica do corpo, «as mulheres são um desastre»

sificase uma dança a partir das técnicas demonstradas pelas bailarinas. Num grupo de bailarinos, num par, muitas vezes é o nome da bailarina que vem em destaque.

Para a coreógrafa moçambicana, a capacidade da mulher em evidenciar-se mais na plástica do corpo é um fenómeno natural, pois ela recebeu da Natureza o dom, «talvez por ser fraca», ao passo que o homem, viril e forte, tem dificuldades.

— Se calhar, as mulheres moçambicanas sofrem preconceitos em relação ao seu corpo, quando é necessário, por exemplo, levantar um pouco mais a perna... — arriscámos.

— Não é verdade — contrapôs Amélia. — Eu já vi mulheres de Cabo Delgado a dançar o limbondo. Aquilo é uma maravilha. Elas dominam o corpo. Possuem uma plástica fenomenal e não precisam de levantar a perna para nadar... Olha, no ex-Grupo Nacional de Canto e Dança, a coisa era diferente e, agora que a mulher certamente tem uma nova posição em relação aos tais preconceitos, já po-

DANCE

Dom
5/4/87

des ver que o problema é outro: o essencial na dança é educar o corpo. Mas eu acredito que, com um pouco mais de dedicação, elas hão-de conseguir.

A contribuição desta coreógrafa poderá ser igualmente notória num outro aspecto: — Faltam mais montagens na Companhia Nacional de Canto e Dança, para reduzir a duração dos intervalos entre um trabalho e outro.

A CARREIRA

Amélia Carlos tem 26 anos de idade, é solteira e natural de Inharrim, Inhambane. Ligou-se à cultura desde o tempo colonial, quando fazia parte de grupos infantis que cantavam e dançavam no dia 10 de Junho, «Dia de Camões, ou «Dia da Raça», as canções e danças da Madeira e um bocadinho de marrabenta. Esteve nisto entre 1967 a 1970.

No Governo de Transição, em 1974, aderiu a um grupo cultural da juventude da FRELIMO no Bairro do Aeroporto, onde vive, pertencendo simultaneamente a um outro elenco semelhante na Escola Secundária Estrela Vermelha. Em 75, já na Escola Comercial, não se desligou da cultura, «e muito menos do desporto», pois, no ano anterior, até fora recordista dos 500 metros infantis em atletismo, e pertencia ao Clube Desportivo.

No ano da Independência inscreveu-se no Grupo da Direcção Nacional da Cultura — que mais tarde passou a chamar-se Grupo Nacional de Canto e Dança, embrão da actual companhia — para actuar nas celebrações do 1.º aniversário da RPM.

Ela recorda: — Éramos muitos, 400 elementos, 400 elementos distribuídos pelo teatro, dança, canto e poesia. Dois anos depois foi necessário formar um grupo polivalente, porque o número de elementos reduziu por desistência de alguns, e também porque era impossível levar todos os artistas para o FES-TAC/77, em Lagos.

Nessa altura eram antigos combatentes, alunos e trabalhadores que formavam o elenco. Uns e outros consistiram muitos sacrifícios, sobretudo quando surgiu a ideia de Lagos. Devido à intensidade dos ensaios, que ainda por cima eram feitos em horas não livres, Amélia Carlos, por exemplo, teve de fazer sozinho exames durante dois anos, pois os outros alunos já estavam de férias.

— A Companhia agora recebe — acrescenta ela — mas antes tentávamos formar um grupo semi-profissional sem autorização dos máximos. Conseguimos manter o grupo, pagando os antigos combatentes e os trabalhadores das empresas com o dinheiro das receitas das actualizações. Os estudantes não recebiam nada. Portanto, sempre gostei de dançar, eu e os outros colegas de então. Lembro-me, por exemplo, de Maria Luísa, que esteve no mesmo curso que eu na URSS e foi agora afectada na Escola de Dança, Candinha, Verónica, Ana Vasta e outras meninas.